X

A primeira viagem dos Phenicios á Inglaterra

De toda a legenda dos Argonautas, como da tradição phenicia que nos conservou Strabon, se conclue sem controversia possivel que os Phenicios, vindo ao sudoeste da Hispanha, não tinham outro fim senão o de procurar caminho para uma ilha, cuja celebridade lhes chegára aos ouvidos, e sobre a posição geographica da qual apenas conheciam as vagas indicações de ficar nas extremidades do mar e da terra.

A ilha tornava-se celebre por existir n'ella um vellocino d'ouro, de que os Argonautas contavam apoderar-se. Isto diziam as Argonauticas gregas; mas, sabido que a mysteriosa ilha era a Inglaterra, em cujas immediações eram collocadas mais tarde as Cassiterides, as ilhas do estanho, vê-se bem ao que se reduz o phantastico vellocino dos crendeiros gregos e os sonhos de conquista attribuidos aos heroes.

A heroicidade do feito cifrava-se, como se imagi-

na, n'uma empreza commercial. Os Tyrios levando-a a effeito, queriam apenas conseguir o que conseguiram mais tarde: monopolisar quanto possivel o commercio do estanho da Inglaterra, negocio de taes lucros, que todos os meios lhes serviram para afastar os concorrentes, que se lembraram de lh'o disputar depois [1].

Onde colheram os filhos de Melkart as primeiras noticias ácerca das riquezas mineraes da ilha e da sua posição? A historia da colonisação phenicia e os dados da Argonautica d'Apollonio permittem responder a esta pergunta com a precisão compativel com tão obscuras questões. É certo que, á chegada dos Phenicios á Inglaterra, os habitantes d'esta ilha sabiam muito bem que d'ahi se podia vir ter ao mar da Sicilia pela navegação do Rheno e Rhodano e sabiam-n'o certamente, porque o Rheno e Rhodano era já uma das estradas commerciaes do estanho, como foi mais depois a do Sequana e Rhodano. Ora mais que provavelmente, já antes da expedição phenicia á Inglaterra havia colonias phenicias pela foz do Rhodano [2].

O enigma não fica decifrado?

Fosse como fosse, obtida a certeza de que a famosa ilha era accessivel por uma via maritima, explica-se muito bem que a descoberta de tal caminho se tornasse a ideia fixa d'uns navegadores experientes e audaciosos, como os Tyrios, e que tratassem de a realisar com a sua habitual tenacidade.

---

[1] Vid. Strabon, XII, I, 19; III, v, 11.

[2] Sobre este ponto vid. Bargès, *Recherches archéologiques sur les colonies phenicienes.*

A orientação geral da viagem não podia ser duvidosa. A ilha ficava nas extremidades da terra e do mar; era pois para o poente do Mediterraneo que convinha navegar, e por isso vemos os Tyrios aportar primeiro a Gades, ou a Tartesso, ou a ambas, e da segunda vez a Onoba.

Já o conhecimento casual d'estas regiões os indemnisava do trabalho e despezas das expedições; esta parte da Iberia foi para elles um Eldorado, que os Carthaginezes herdaram, e que só abandonaram, quando os Romanos os constrangeram a isso.

Tratam logo d'estreitar relações com os povos hispanicos, obedecendo a uma ideia politica, que punha os interesses commerciaes acima de tudo. Insinuar-se na confiança dos indigenas foi a sua mira principal, e, se os vêmos em guerra com os inimigos de Lyco, não é para lhes conquistarem os territorios, mas para protegerem a integridade dos da outra parte belligerante e fazer d'ella um amigo e um admirador apaixonado.

Não ha pois que desconfiar d'estes estrangeiros, quando provam com factos que não é a conquista de terras alheias, e separadas da sua pela enorme vastidão de mares, que os incita ás suas emprezas maritimas [3], mas pura e simplesmente o commercio com reciprocas vantagens para quem negociar com elles.

É certamente por terem posto bem em evidencia este programma, que os vemos na sua terceira via-

[3] Veremos logo os Argonautas tirarem partido d'este argumento, quando Aetes os increpa de virem á sua ilha com malevolas intenções.

gem ser bem recebidos em Gades, na foz do Tartesso, na Terra de Lyco, e apenas repellidos na Bebrycia, mas por causa dos serviços que haviam prestado aos inimigos d'esta gente.

É de vêr tambem que, á sombra da necessidade de possuir feitorias commerciaes, elles haviam de adquirir aqui e alli alguns terrenos apropriados, onde podessem estabelecel-as com independencia, e o primeiro d'estes estabelecimentos, habilmente escolhido, foi sem duvida na foz do Tartesso — pois que, como sabemos, foi esse o ponto de partida da viagem á Inglaterra e da viagem ao Atlas.

Na sua segunda expedição ao sudoeste da Hispanha, em Onoba, recolheram elles noticias exactas sobre a navegação para a mysteriosa ilha, que procuravam, quando alli vieram parar; e vê-se que tambem as costas do occidente da Libya lhes foram apontadas como uma região muito digna de ser visitada.

Pesando as vantagens das duas expedições, o governo tyrio resolve-se a emprehendel-as simultaneamente, confiando-as a dous dos seus almirantes e, segundo se infere da legenda, deixando a escolha d'ellas ao que primeiro chegasse a Tartesso [4].

---

[4] A simultaneidade d'expedições parece ter sido uma pratica constante de todos os governos phenicios. Hannon e Himilcon, encarregados pèla republica carthagineza de missões identicas ás dos nossos dous expedicionarios, partem ao mesmo tempo. A Argonautica deixa vêr que se especulava com a emulação da tripulagem e dos seus chefes, e que se deixava áquelle, que primeiro chegasse a um certo ponto, a escolha das expedições, o que muitas vezes não seria pequeno premio.

Os dous navios [5] partem ao mesmo tempo de Tyro e chegam ao mesmo tempo a Gades; mas ahi, quer um contratempo casual retardasse a partida d'um d'elles, quer o seu emulo se servisse de qualquer astucia para lhe ganhar a dianteira [6], o que é quasi certo é que dos dous almirantes, o que mais merecimentos parecia ter para dirigir a principal empreza, por ser talvez o mesmo que já tinha dirigido a anterior expedição a Onoba [7], ficou supplantado pelo seu rival, e obrigado á tarefa que elle havia rejeitado — a exploração da costa africana.

É a viagem do primeiro, conhecido pelo nome de Jason, que temos a acompanhar. Logo adiante de Tartesso soffre elle uma contrariedade, que redundou em seu proveito. Os Bebryces, ou que melhor nome tenham os povos ao nascente d'Onoba, reconhecendo nos tripulantes do navio phenicio gente compatriota dos antigos auxiliares dos seus inimi-

---

[5] A Argonautica não póde mencionar senão um navio, é claro; mas, pois que ella mesma nos diz que Hercules foi ter ao Jardim das Hesperides, e a Heraclea nos conta que o semi-deus se embarcou em Tartesso, quando emprehendeu este trabalho, sempre é certo que Hercules e Jason tinham cada um seu navio.

[6] Na *Argonautica*, I, 1289-93, allude-se a estas artimanhas; mas parece que Hercules, ou qualquer que fôsse o nome do vencido, se queixava principalmente dos filhos do Boreas, i. é, dos ventos, e vem a proposito lembrar um incidente, dado em Cyzico (Gades). Os Argonautas partiriam d'alli; mas os ventos contrarios forçam-nos a arribar de novo á ilha, sem a reconhecer, porque chegam de noite. Este desastre succedeu a Hercules, emquanto Jason foi continuando o seu caminho?

[7] Pensamos nos serviços que Hercules tinha feito ao pae de Lyco e no pezar d'este ao saber que o heroe ficára em Cio-Tartesso (II, 770-1).

gos, não fazem o menor escrupulo de os aggredir: mas são rechaçados com perda e, quando os vencedores dos Bebryces chegam á Terra de Lyco, encontram a recebel-os de braços abertos o rei do paiz, que, além dos serviços prestados a seu pae por este povo estrangeiro, lhes devia agora a nova humilhação, por que tinham feito passar os seus perigosos visinhos.

Com os bons officios de Lyco já contavam certamente os expedicionarios. É ahi que elles fazem os ultimos preparativos para a grande viagem, auxiliados pelo agradecido regulo. Do que elles mais necessitam é de praticos na navegação desconhecida, que vão emprehender, e d'interpretes para se fazerem entender com os povos com quem lidarem. Lyco deu-lhes tudo isso, coroando os favores com mandar na sua companhia o proprio filho, á sombra do qual haviam de ser bem recebidos nos portos, onde descançassem [8].

N'esta terra amiga, onde a fortuna tanto os bafejava, occorreu um acontecimento que os enlutou: dous expedicionarios morreram, um d'elles d'uma morte desastrada, junto d'uma especie d'Averno, que já identificamos com a Erebea Palus do periplo do seculo VI. Pelos Errores e pelas Argonauticas gregas, racionalmente interpretadas, conclue-se que este Averno era o templo d'uma deusa, chamada Circe, a quem os phenicios se encommendariam devo-

---

[8] A tradição confessava tão francamente que a via maritima para o Mar do Norte já era frequentada antes dos Phenicios, que Phineu dirá aos Argonautas: «no caminho para Ea não vos hão de faltar informadores e guias.» (*Argonautica*, II, 422).

tamente, por verem n'ella uma deusa maritima, e talvez já afamada pelos milagres dispensados a mareantes que haviam effectuado a mesma navegação que elles iam aventurar.

O nome d'um d'estes mareantes é conhecido; chamava-se Phryxo, e quando os Phenicios partem da Terra de Lyco e passam por diante da foz do rio Anas, ou ahi repousam, os seus guias apontam-lhe um logar sagrado, onde Phryxo tambem repousára, quando fugindo da sua patria para o paiz d'Aetes, seguiu a mesma derrota.

Nas alturas do Cabo de S. Vicente, os expedicionarios têm occasião de presencear desassombradamente o espectaculo do pôr do Sol no Oceano, tão novo e maravilhoso para a maior parte d'elles, que mereceu as honras de ser registado entre os incidentes notaveis da expedição; e é bem de crêr que elles sacrificassem então, não ao Apollo Matinal, como conta Apollonio, mas aos deuses que se reuniam de noite no Promontorio, segundo a crença dos indigenas, e que os seus guias deviam conhecer muito bem.

Noticias relativas á costa do occidente da Hispanha nenhuma nos ficou; ou, se sim, de tal sorte as desfiguraram os mythographos gregos com as suas deturpações, que o mesmo é que se as não conservassem.

Exceptua-se apenas o episodio dos filhos de Deimacho Tricceu, que entram para o navio phenicio no mesmo logar e na mesma occasião, em que sae o filho de Lyco. Já commentamos com o devido desenvolvimento o facto provavel, que o episodio nos encobre. Para nós, como dissemos, os filhos de Deimacho são guias e protectores, que o filho de Lyco pôde angariar aos seus amigos d'um certo ponto

da navegação por diante, delegando n'elles a missão de que seu pae o encarregára. Como tambem já mostramos, ha boas razões para suspeitar que a navegação, que os novos praticos vão dirigir, comprehendia principalmente o trajecto do noroeste da Hispanha para o canal da Mancha, e, como esse trajecto se fez por alto mar, a terra dos filhos de Deimacho ha de ficar para áquem da Corunha, d'onde aquella travessia era feita. Marcar-lhe a posição determinada é hoje impossivel com os dados de que dispômos [9].

A navegação da Corunha para a Bretanha, feita a direito, é um facto certo, que as Argonauticas gregas destruiram, desorganisando o episodio das Harpyas e omittindo, por o não perceberem, o seu correspondente historico, mas que os Errores nos conservaram na allegoria das Sereias, notavel, entre outras cousas, pela posição geographica, que lhes apontam, e por nos darem a certeza de que não foram os Phenicios que tiveram a iniciativa d'aquelle audacioso trajecto, mas que foram os guias, fornecidos por Lyco ou por seu filho, que lh'o aconselharam, como um expediente já conhecido [10].

---

[9] As estações, nomeadas no periplo phenicio do seculo VI, segundo a interpretação que lhe demos no nosso estudo sobre a *Ora Maritima* d'Avieno, eram: ilha Achale, em frente da bahia do Sado; bahia do Tejo; ilha Pelagia, pelas alturas d'Aveiro; foz do Lima; ria d'Aroza (Padrão); Corunha, perto do promontorio Œstrymnis (Cabo d'Ortegal).

[10] Segundo o periplo, que tantas vezes temos citado, os Argonautas phenicios deviam encontrar na Corunha a população que deu ao Ortegal o nome d'Œstrymnis, e que depois emigrou para a Inglaterra. Vid. o nosso estudo sobre a obra d'Avieno.

Não sem curtir grandes sustos, a crêr a Odyssea, os expedicionarios, deixando atraz de si o mar Cantabrico, vão aportar ao sudoeste da Bretanha, e, levantando-se uma formidavel borrasca, acompanhada d'um graniso, que feria como flechas, foram elles abrigar-se a uma ilha sobre a costa, ilha despovoada, mas celebre por um templo de Marte [11], que n'ella tinham construido as mulheres do continente proximo — particularidades, que, a serem authenticas, como parecem, pelo menos em grande parte, lhes deveriam ser noticiadas pelos guias, que levavam comsigo. Apollonio chama a esta ilha Aretias; Hygino Aria [12], e nós já lembramos, se ella não seria em realidade a conhecida ilha dos Namnetes.

É ahi que entra em scena um dos principaes actores do movimentado drama, que converteu a historia d'uns mercadores phenicios n'uma das mais formidaveis tragedias conhecidas, e que muitos cuidam ter sahido apenas da cabeça dos poetas gregos, quando elles não fizeram mais que copial-a da realidade historica. Eis o caso:

A tempestade, que obrigára os Phenicios a acolher-se á ilha de Marte, tinha sido funesta a outros navegantes, que faziam uma viagem em direcção contraria á sua. O navio d'aquelles mal-aventurados havia sido despedaçado, e a tripulação pôde salvar-se, arribando com custo á ilha, onde fundeou a nau phenicia.

---

[11] Na ponta sudoeste da Bretanha indica Sprunner, *Atlas antiquus*, n.º XVIII, um Fanum Martis.

[12] Orpheu e Flacco nem a conhecem.

Os naufragos foram acolhidos com toda a humanidade pelos nossos expedicionarios, e imagina-se a sua surpreza, quando, chegadas as explicações, elles vêm a saber que tinham na sua presença os netos d'Aetes, do mais poderoso regulo da ilha, em busca da qual tantos trabalhos e sustos haviam passado.

Este encontro devia ser para elles a maior das fortunas, pois que os seus serviços, feitos á familia d'Aetes, eram a melhor carta de recommendação para se apresentarem diante d'elle e achal-o excellentemente disposto a acceitar qualquer tratado commercial, que lhe propuzessem. Por isso offerecem com a melhor vontade o seu navio aos netos d'Aetes, contando-lhes o fim da sua viagem e accentuando o quanto confiam nos seus bons officios para o completo exito das suas negociações.

Argus, o mais velho dos filhos de Phryxo, e que tem dito aos Phenicios que o motivo da sua mallograda viagem era ir á terra de seu pae recolher a herança, que d'elle lhe tocava e aos irmãos, mostra-se extranhamente embaraçado com os pedidos, aliás tão simples e naturaes, dos seus salvadores, e encarece o humor intratavel do avô [13].

A razão d'estes embaraços é clara na narração d'Apollonio, bem que n'este ponto, como em quasi todos os outros, o poeta não percebe uma palavra do que nos conta. A viagem d'Argus e dos irmãos tinha-lhes sido aconselhada pelo avô, a pretexto do seu zelo pelos interesses dos netos: mas o pretexto

---

[13] *Argonautica*, II, 1200-3.

verdadeiro era muito outro. Um oraculo — diz Apollonio — tinha prevenido Aetes de que os filhos de Phryxo haviam de ser fataes á sua corôa [14]. Isto quer dizer, que Aetes tinha boas razões para desconfiar da ambição dos netos, e que pretextára a conveniencia dos interesses d'elles, para os afastar do seu reino, mandando-os disfarçadamente para a terra da naturalidade do pae, que não póde ser senão uma região do sudoeste da Hispanha [15].

Aqui está porque o offerecimento dos Phenicios,

---

[14] *Argonautica*, III, 597-600.

[15] Isto é tão obvio em face da logica dos factos, que dispensa qualquer prova. Precisar que região fosse essa, é hoje impossivel. Que ella ficava a nascente da foz do Anas já nós vimos, quando a *Argonautica* nos disse ter Phryxo parado n'esta estação, ao fugir para Ea. Argus diz que a patria de seu pae era Orchomenos, a mesma terra, d'onde tinham partido os Argonautas; e, se aqui se confundisse o ponto inicial de partida com o da expedição propriamente dita, poderiamos pensar em Tartesso. Tudo isto porém são hypotheses vagas.

As causas da fugida de Phryxo não são menos obscuras; porque os Gregos misturaram a sua historia com legendas de mais d'uma especie. O que se póde ter por certo é que a mãe de Phryxo, para subtrahir o filho a uma morte inevitavel, exigida, ou pelas intrigas d'uma rival, ou pelo fanatismo religioso, o embarcou clandestinamente para Ea, recommendando-o á protecção d'Aetes, que sympathisou com o fugitivo e lhe deu mais tarde em casamento uma de suas filhas.

A proposito das relações entre as familias principescas do sudoeste da Hispanha e da Inglaterra, deve notar-se que Aetes, extranhando a rapidez da volta dos netos, lhes diz saber bem a distancia entre a sua ilha e a terra aonde os mandára, por a ter percorrido já, quando acompanhou sua irmã Circe ao paiz, em que ella se domiciliou (Apollonio, já se vê, confunde-a com a Circe italica). Vid. *Argonautica*, III, 309-11.

e a confiança que elles fundavam na gratidão dos netos d'Aetes, embaraçava cruelmente Argus. É quasi certo, em vista da sequencia dos successos, que, apertado pelas objecções dos seus interlocutores, Argus acabou por lhes revelar toda a verdade, vindo a proposito expôr os recursos, com que contára ao tramar a conspiração, que lhe valeu o desterro.

Em verdade estes recursos não eram de mediocre importancia, como veremos, e pelo menos pesaram bastante no espirito do chefe da expedição phenicia, para o animar a jogar uma carta, que podia coroar a sua empreza da maneira mais brilhante. O seu plano foi este: reconduzir a Aetes os netos, que havia salvado da morte, o que era o melhor dos pretextos não só para uma apresentação, mas para se impôr com alguns direitos á gratidão do rei e da sua familia.

Depois os acontecimentos decidiriam da attitude, que havia de tomar. Se o partido d'Argus, sabendo confidencialmente que podia contar com o apoio dos estrangeiros, désse mostras de poder vingar a sua revolução, os Phenicios secundal-o-hiam com todas as suas forças, e o vencedor, devendo-lhes em grande parte o seu triumpho, pagar-lhes-hia na moeda, que elles exigissem, a sua valiosa cooperação.

Se pelo contrario, os planos d'Argus não fossem viaveis, os Phenicios mostrar-se-hiam inteiramente indifferentes a questões, que se podiam dizer de familia, e tratariam dos seus negocios, na qualidade de simples commerciantes, como eram, e como se tinham apresentado ao rei.

Certo é que os filhos de Phryxo e os seus salva-

dores partem para o paiz d'Aetes. A nau phenicia é confiada á pericia d'Argus, e, pelo que se vê dos factos, a tarefa do perito não consiste só em a governar habilmente pelo canal da Mancha, e pela passagem do estreito, mas em regular-lhe a navegação de maneira, que ella vá fundear no rio que lava a capital do poderoso regulo, sem que ninguem possa presentir a sua chegada, nem mesmo descobril-a, a não ser por acaso. Por isso o navio só chega de noite ao seu destino, e procura para ancoradouro um ponto da margem do rio cheio de cannaviaes [16].

Tomando todas estas precauções, um dos fins d'Argus era poder entender-se clandestinamente com alguns dos seus partidarios, e dar assim logar a algumas disposições, antes da sua apresentação e dos estrangeiros no palacio do rei?

É provavel; mas Apollonio nada diz a tal respeito. Diz simplesmente que no dia seguinte os mais grados dos Argonautas, acompanhados dos quatro filhos de Phryxo, se apresentam subitamente no palacio d'Aetes. A primeira pessoa a descobril-o é Medea, que vae logo dar a sua irmã a noticia da chegada dos filhos, e esta, ao vêl-os não pôde reter algumas allusões amargas á mallograda viagem, e implicitamente a quem a havia ordenado [17].

Aetes apparece em seguida, e pergunta bruscamente aos netos por que tinham desobedecido ás suas ordens — que gente era que os acompanhava — e o que queria.

---

[16] *Argonautica*, II, 1280-4.
[17] *Argonautica*, III, 260-7.

Argus conta-lhe como uma tempestade havia despedaçado o seu navio; como elle e os irmãos tinham sido salvos da morte por aquelles estrangeiros, e, quanto ás pretenções d'estes — diz-lhe certamente que não têm outro fim senão uma negociação commercial [18].

Aetes replica violentamente que percebe muito bem toda aquella comedia, á sombra da qual o que se quer é arrancar-lhe a corôa e o reino; que, a não lh'o tolherem os deveres da hospitalidade, a resposta que elle daria desde já era aniquilal-os a todos [19].

Os Phenicios objectam mansamente, se era crivel que tivessem atravessado tão enorme vastidão de mares pelo capricho de conquistar um paiz, que não podiam conservar [20].

A objecção seria concludente, se a associação dos estrangeiros com os ambiciosos netos não irritasse em Aetes a suspeita de que não tinha nada a esperar de bom d'aquella gente. Acha porém que o mais prudente é dissimular e vigiar os acontecimentos; e despede os estrangeiros sem uma resposta definitiva, de certo com o pretexto d'estudar as condições da proposta, que lhe fizeram.

E desde logo toma differentes precauções, entre as quaes avulta a guarda do Passo de Calais, na

---

[18] No texto d'Apollonio, Argus diria que os Argonautas vinham buscar o Vellocino d'ouro e Aetes acharia muito natural que uns estrangeiros lhe levassem a grande maravilha do seu paiz, pois que não tem uma palavra para extranhar a insolita pretensão.

[19] *Argonautica*, III, 372-80.

[20] *Argonautica*, III, 386-9.

certeza de que, cortada esta retirada, os conspiradores, se o são, não podem escapar á sua vingança [21].

Os Phenicios e os filhos de Phryxo voltam para a nau, e querendo ostentar que não receiam qualquer espionagem aos seus actos, tiram-n'a do escondido ancoradouro, em que a metteram, para um sitio do rio, onde toda a gente a póde vêr [22].

Este alarde d'innocencia e lealdade coincide com um torvo mysterio, que se tece dentro do palacio do rei. Calchiope, a mãe dos ambiciosos, que sem duvida alguma tem collaborado nas suas anteriores tentativas de rebellião, póde descobrir a parcialidade de Medea pela causa dos seus filhos, desde que a viu ligada á sorte dos estrangeiros, um dos quaes, o chefe da expedição — diz a legenda — soube despertar n'ella uma d'essas paixões que tudo affrontam n'um temperamento ultra-exaltado, de que a filha d'Aetes ficou o typo. Calchiope explorou aquella paixão com uma astucia não menos typica, e o certo é que Medea se torna quasi o unico actor d'um drama tenebroso, que Apollonio nos não descobre, porque o não comprehende, e que baralha com umas scenas phantasticas, em que a verdade historica fica completamente afogada.

O que nós vemos é isto: — Medea, pretextando as suas obrigações sacerdotaes, vae ao romper do

---

[21] *Argonautica*, III, 607-8. Apollonio, já se vê, não especifica estas precauções, sobretudo pelo que respeita á guarda do estreito; mas, além da affirmativa de Timeu, já conhecida, os factos subsequentes deixam este ponto fóra de toda a duvida.

[22] *Argonautica*, III, 569-74.

dia, encontrar-se com o amante junto ao templo da sua deusa [23], e n'essa entrevista, a muitos respeitos celebre, compromette-se a entrar d'alma e vida na salvação do amante e dos seus companheiros, que sabe gravemente ameaçada. Quaes são os seus planos? Ninguem o diz; mas os Phenicios, como os filhos de Phryxo, confiam tanto n'elles, e tão certos estão de que Medea os levará a cabo sem outros auxiliares, que cada vez affectam a mais absoluta indifferença por tudo quanto possa passar-se fóra da sua nau.

Uma noite, quando elles se expandem em grandes manifestações d'alegria, como se estivessem em

---

[23] *Argonautica*, III, 888; 915. O templo ficava no Campus Circeius (Comp. III, 198-200, e 891-5), e, como o Campo, deve ser consagrado á deusa Circe. Porisso dissemos já que os Gregos substituiram o nome de Circe ao da sua Hecate, quando davam Medea como sacerdotisa d'esta deusa. Segundo Valerio Flacco, Venus disfarçar-se-hia em Circe, para irritar a paixão da filha de Aetes.

Com respeito ao Campo Circêo, dá-nos Apollonio uma noticia, que pena é não poder saber-se ao certo se ha de applicar-se á Inglaterra, se á Colchida. Na Colchida, diz elle, só as mulheres são enterradas; os homens, esses nem são queimados, nem enterrados debaixo d'uma mamôa; mas os cadaveres d'elles mettem-se em saccos de couro de boi, e ficam dependurados das arvores, longe das povoações (III, 1203-9). O Campo Circêo era um cemiterio d'esta especie. É de crêr que, consumida a carne, os ossos fossem enterrados com o seu envolucro, debaixo das respectivas mamôas. É da Colchida, ou da Inglaterra que falla o nosso poeta? O achado d'ossadas dentro de saccos de couro de boi, feito na Inglaterra, é para fazer reflectir. Vid. sobre este particular *Revue d'antropologie*, anno de 1885, tom. 8.º, fasc. 2.º, pag. 310-11.

vesperas d'uma boa nova, ouvem a voz de Medea que os chama com afflicção da borda do rio. O navio corre para a margem, e a filha d'Aetes brada-lhes que tudo está perdido, que fujam quanto antes, e que a levem com elles [24].

Os projectos de Medea sahiram pois mallogrados. É difficil decidir ao certo no que elles consistiam; mas, sabido que ella tinha preparado certos venenos, com o auxilio dos quaes esperava fazer triumphar o amante de todas as provações, e vista a assombrosa crueldade, com que mais tarde entrega seu irmão Absyrto ao punhal traiçoeiro de Jason, cremos não aggravar a reputação já detestavel da famosa sacerdotisa, suppondo que os venenos, que Apollonio diz ella preparava contra os fabulosos touros e o fabuloso guarda do vellocino, eram destinados aos verdadeiros e reaes inimigos dos seus protegidos, os mesmos que tinham por alvo a conspiração de Calchiope e seus filhos, emfim seu pae Aetes e seu irmão Absyrto.

O crime, se foi concebido, como crêmos, não póde ser consummado; mas, pois que Medea, além de avisar os seus amigos para que fujam a toda a pressa, lhes pede com anciedade que a levem com elles, é de presumir que a apavore a suspeita de que o pae esteja sciente da trama, que ella só teceu para apressar o triumpho dos conspiradores, e que só apressou a ruina d'elles, arrastando-a na queda.

Tal é a eminencia do perigo annunciado por Medea, que os Phenicios tratam logo de se pôr a salvo

---

[24] *Argonautica*, IV, 67-86.

com os seus amigos; e, ou porque já saibam que é escusado tentar a sahida pelo estreito, ou porque, tentando-a, não puderam effectual-a, adoptam o conselho d'Argus, que lhes indica a escapula pelo Rheno e Rhodano e remam a toda a força para a foz d'aquelle rio [25].

Mal rompe o dia e a fuga dos conspiradores e dos estrangeiros é conhecida, Aetes dá as ordens, que são d'esperar d'uma natureza da sua tempera, e ai! d'aquelles que o deixarem sem vingança [26].

Uma flotilha, composta d'innumeraveis barcos, tantos que se diria um bando d'aves [27], põe-se immediatamente em marcha, e, não podendo ignorar, como já mostramos, a direcção dos fugitivos, corre no rasto d'elles.

Pelo que se infere da legenda de Phaethonte, o filho d'Aetes pediu com tal instancia ao pae para dirigir aquella empreza, que elle teve de ceder, supposto previsse que a inexperiencia do moço o inha-

---

[25] E a posse do famoso Vellocino d'ouro? Far-se-hia na mesma noite da fuga, graças ás artes magicas de Medea, que pôde adormecer o terrivel dragão, etc., etc. A phantastica noticia só tem valor por nos dizer que, além do Campo Circeu com o seu templo, havia por perto de Cytaia um templo de Marte e que este templo, como provavelmente todos os outros, não passava d'um bosque sagrado, ou cousa que o valha. Nas contendas subsequentes com Absyrto, os Argonautas allegaram, que tudo o que trouxeram d'Ea, incluindo o Vellocino, foi legitimamente adquirido (IV, 341 e seg.) e é bom de crêr que assim fosse. O Vellocino que elles desejavam era o estanho e Aetes havia de importar-se pouco que elles carregassem o seu navio com quanto estanho podessem negociar.

[26] *Argonautica*, IV, 231-5.

[27] *Argonautica*, IV, 238-40.

bilitava para desempenhar uma tarefa tão melindrosa.

Os primeiros actos d'Absyrto não auctorisam aquellas previsões.

A esquadrilha vôa para a foz do Rheno, antes que os Phenicios tenham partido d'alli, e, reconhecida a posição do inimigo, Absyrto consegue por um plano rapidamente concebido e executado encurralal-os no braço esquerdo do rio, como já sabemos.

Bem que se diga que os Hyllenses ou Pheacios [28] se mostraram desde o principio hostis aos Phenicios, vendo nós em que conta o proprio Aetes, no meio das suas choleras, tinha os deveres da hospitalidade, mal podemos crêr que o rei do paiz, onde os Phenicios foram aportar, não invocasse deveres identicos, para defender uma gente, que por fim era sua hospede, contra a vingança desenfreada dos seus perseguidores.

Demais o rei dos Hyllenses era Alcinôo, o «rei justo», e a verdade é que, não tendo sido consummado o plano nefando de Medea, não podendo por isso ser-lhe provado crime algum; não podendo provar-se crime algum, nem aos filhos de Phryxo, nem aos Phenicios, os aggravos allegados por Absyrto contra os fugitivos deviam parecer aos olhos de um apreciador frio soffrivelmente insubsistentes. N'estas condições, permittir nos seus dominios a carnificina do fraco pelo forte era quinhoar d'uma iniquidade sem absolvição.

---

[28] Impossivel averiguar se qualquer d'estes nomes tem um valor historico. Quanto á Hyperia, d'onde a Odyssea os faz vir, já atraz expuzemos o que tinhamos a dizer.

Como na capitulação, que suspende o rompimento de qualquer hostilidade, vemos limitar-se todo o pleito entre perseguidos e perseguidores á entrega de Medea, é de presumir que fosse Alcinôo, e não uma parte apaixonada, como Absyrto, quem reduzisse toda a questão áquelles termos, por vêr que só aquella reclamação tinha um fundamento legitimo, e que fóra d'aquelles limites o «rei justo» não subscrevesse ás exigencias dos delegados d'Aetes [29].

Accentuaremos bem este ponto, porque temos por muito possivel que a reputação da justiça, de que na antiguidade gosavam os Hyperboreus, lhes veio do facto historico, que estamos commentando — facto, que os Phenicios, voltando ao seu paiz, vulgarisaram de certo e depois os Gregos exageraram, segundo o seu costume, ampliando-o á grande maioria dos povos do alto norte.

Pelo visto, os Phenicios deviam estar gratos aos Hyllenses, e não poucos trabalhos e sustos teriam elles poupado se a capitulação corresse os seus termos regulares.

Mas Medea lá tinha imperiosas razões para suppôr que ia ser sacrificada em qualquer transacção, e é de vêr que a ideia de voltar para a casa paterna havia de aterral-a mais que a da morte.

Não foram provavelmente as suas furias, que levaram os Phenicios a comprometter a situação relativamente favoravel, em que se encontravam, mas as esperanças que lhes abriu o alvitre de Medea

---

[29] É isto mesmo o que deixa perceber a versão d'Hygino no logar atraz citado.

promettendo acabar com toda a perseguição pela morte do chefe, que a sustentava.

A principal vantagem, e essa bastava, que elles tiravam, se a tentativa surtisse todos os seus effeitos, era a possibilidade de poderem escapar-se pelo estreito, evitando a navegação dos dous rios, que lhes devia ser extremamente repugnante; pois que era mais que natural que Aetes, julgando-os a braços com a sua formidavel esquadrilha, achasse inutil continuar a ter o estreito vigiado, e em tal caso, não seria difficil sahir por alli, como entraram — sem que ninguem désse por elles.

Isto não é uma simples hypothese, pois que já vimos que com este intuito foi o navio phenicio fundear na ultima Electrida, desde que o começo dos planos de Medea teve um exito tão completo.

Para jogar a nova cartada, força era tambem a persuasão de que o assassinato d'Absyrto paralysava com effeito a acção da esquadrilha d'Aetes. Que fundamento havia para isso? É bom não esquecer que Argus e seus irmãos não podiam deixar de collaborar nos projectos de Medea. É muito possivel que não poucos partidarios dos filhos de Phryxo se contassem nas turmas d'Absyrto, cooperando, só por medo, na destruição d'uma gente, que perfilhava a mesma causa, por cujo triumpho elles suspiravam. Demais Aetes estava velho, e, supprimido Absyrto, seu unico successor varão, a corôa devia passar para Calchiope, ou seus filhos, o mais velho dos quaes era Argus.

Não eram pois desarrazoadas as esperanças, que o sinistro plano de Medea fazia crear aos Phenicios.

Seja como fôr, a sua ideia é abraçada. Concorda-se em sujeitar o negocio da filha d'Aetes á arbi-

tragem d'um dos reis justos do paiz, com certeza Alcinôo, e a interessada é removida para uma ilha proxima, uma ilha deserta com um templo, cuja divindade era naturalmente identica áquella que servia em Ea.

É d'alli que ella manda um emissario ao irmão, suggerindo-lhe que tem confidencias importantissimas a fazer-lhe e pedindo-lhe que venha conferenciar com ella, mas de noite e com todas as precauções, para que ninguem possa suspeitar de similhante entrevista [30].

Absyrto segue fielmente todos os seus conselhos. Quando se cerra a noite, mette-se n'um barco, governado por alguns amigos fieis; arriba á ilha; sobe sósinho até o alto, onde ficava o templo, e, depois d'algumas explicações trocadas com Medea, cae traiçoeiramente apunhalado por Jason, que o espreitava d'uma emboscada.

Feito isto, a desnaturada irmã brande um facho acceso. Era o signal combinado com os seus amigos. O navio negro aproxima-se rapidamente da ilha, e, emquanto os tripulantes do barco d'Absyrto são passados á espada, os dois amantes saltam para a nau, que rompe facilmente atravez das embarcações inimigas, porque as tregoas pactuadas entre os belligerantes tinha tornado inutil uma vigilancia rigorosa [31].

Os Phenicios foram esperar n'uma ilha sobre o mar, a ultima das Electridas, o resultado da morte

---

[30] *Argonautica*, IV, 435-40.
[31] *Argonautica*, IV, 482-506.

d'Absyrto. Se, como elles contavam, toda a perseguição paralysasse, tentariam sahir furtivamente pelo estreito, que deveria estar mal guardado.

N'este ponto a fortuna foi-lhes contraria. Os soldados d'Absyrto recrudescem na perseguição e correm a dar caça aos assassinos, quando uma tempestade subita os vem pôr em debandada.

Perdida a sua principal esperança e desenganados de que não têm salvação possivel, se os Pheacios os não amparam, aproveitam a dispersão da esquadrilha inimiga e tornam á ilha d'Alcinòo [32].

Já vimos como Medea soube enfeitiçar a rainha dos Pheacios e como ella e os Phenicios puderam salvar-se pelo Rheno acima, zombando dos seus perseguidores.

Poderá parecer singular que o «rei justo» e sua esposa patrocinassem uma gente, que deveria tornar-se execravel depois do monstruoso crime de Absyrto; mas, pelo que se vê do colloquio d'este com Medea, a astuciosa irmã teve artes de arrancar-lhe a confissão de que subscreveria cegamente a todas as traições e ciladas que ella armasse aos seus amigos [33].

---

[32] Á terra dos Hyllenses, diz Apollonio (IV, 522-4). Para carear a affeição dos Hyllenses, os Argonautas fizeram-lhes presente d'uma tripode, cujas virtudes eram inapreciaveis. Enterrada perto da sua cidade, seria para ella um verdadeiro palladio, emquanto alguem não descobrisse o seu esconderijo e a não arrancasse de lá. Na pag. 9 d'este livro alludimos já ao milagroso talisman.

[33] A primeira pergunta que Absyrto faz á irmã é — que machinações tinha ella tramado contra os Argonautas (IV, 462).

D'este modo o crime tinha consideraveis attenuantes, e certo é que Alcinôo procedeu, como se o não levasse em linha de conta. E certo é tambem que o «rei justo» se mostra de tempera a não deslisar do caminho recto; porque, sabendo que Aetes é um poderoso rei e capaz de pedir-lhe contas do seu procedimento [34], não trepida em dar uma sentença, que lhe póde provocar as iras.

Os mallogrados vingadores d'Absyrto é que não ousam affrontar-lh'as, e ficam vivendo pelas regiões do Rheno. O mesmo fazem naturalmente Argus e os irmãos, até que a morte do avô lhes permitta voltar á sua ilha, talvez como dominadores.

Os Phenicios e Medea lá seguem pelo Rheno acima; e ou fosse culpa dos guias, ou porque, não os levando, se equivocassem nas instrucções dos seus informadores, em vez de deixarem o Rheno a tempo, continuaram a subil-o até as suas fontes e estiveram em perigo de tomar o Danubio, suppondo tomar o Rhodano.

Tiveram porém a fortuna de ser avisados do engano, em que iam cahir, e desandando outra vez pelo Rheno até onde o deviam largar para procurar o Doubs, descem por este rio ao Rhodano e vêm finalmente sahir ao Mediterraneo [35].

Provavelmente a Argonautica phenicia, se não ter-

---

[34] *Argonautica*, IV, 1101-3. Apesar de viver muito longe da Colchida, segundo o poeta.

[35] Na descida pelo Rhodano, Hera envolvel-os-hia n'um espesso nevoeiro, para não serem vistos pelos povos que atravessavam. É um expediente, que faz lembrar o do somno d'Ulysses, a que a Odyssea recorreu.

minava n'este ponto, narrava a traços muito largos a volta dos expedicionarios a Tyro.

Crêmos poder dar por certo o que mais d'uma vez temos affirmado: que todo o drama da Argonautica é um encadeamento de successos d'uma realidade historica fóra de toda a contestação, exigindo um scenario perfeitamente historico, e podendo ser restaurado em quasi todas as suas particularidades, desde que provamos como a geographia dos mythographos é uma cadeia d'absurdos, e como estes absurdos se tornam, sem excepção, factos simplicissimos e naturaes na geographia, que lhes substituimos. Se depois d'isto houvesse ainda quem duvidasse da verdade da nossa restituição, ficariamos concluindo que a evidencia não é nada n'este mundo, deixem-nos repetir a phrase.

Permitta-se-nos porém a vaidade de acreditar que ha de ser muito diminuto o numero dos incredulos d'entre os leitores, que nos seguiram com attenção.

No presupposto de que a nossa obra assenta em alicerces roqueiros, temos d'insistir na importancia do poema d'Apollonio, onde, como vimos, se contém, sob a deturpação de nomes geographicos, translocações topographicas, etc., toda a Argonautica historica, cuja origem phenicia é impossivel desconhecer. E insistimos com tenacidade n'este ponto especial; porque, se era indispensavel ter esta verdade presente nas investigações até aqui feitas, mais indispensavel se torna ainda não a perder nunca de vista nas observações, com que vamos rematar o nosso trabalho.